



## PLANTAS UTILIZADAS COMO MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE DO SEMIÁRIDO BAIANO: SABERES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

---

Aline Alves de Melo-Batista<sup>1\*</sup>; Cláudio Roberto Meira de Oliveira<sup>2</sup>

1 Pós-graduanda em Educação e Meio Ambiente pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XVI*, Irecê, Bahia, Brasil (alineamelobatista@hotmail.com).

2 Engenheiro Agrônomo. Doutor em Botânica e Professor da Universidade do Estado da Bahia, DCHT- *Campus XVI*, Irecê, BA, Brasil.

Recebido em: 03/01/2014 – Aprovado em: 04/11/2014 – Publicado em: 12/04/2014

---

### RESUMO

O presente estudo objetivou inventariar as plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade urbana do semiárido da Bahia, investigando os seus usos e aplicações. Foram entrevistados 70 informantes os quais citaram as espécies usadas como medicamento, partes da planta, forma de preparo e as doenças para as quais são prescritos. Oitenta e cinco espécies diferentes foram citadas, sendo 65,9% nativas e 34,1% exóticas. As plantas indicadas eram em maioria pertencente à família Fabaceae. As folhas foram a parte da planta mais utilizada e os chás o modo de preparo de maior administração. As doenças do aparelho respiratório foram as mais tratadas com plantas medicinais. Compreender o uso de plantas com fins medicinais por comunidades pode contribuir com estudos farmacológicos, bem como para a preservação da cultura e do meio ambiental através da educação e valorização dos saberes tradicionais.

**PALAVRAS – CHAVE:** Caatinga, conhecimento popular, etnobotânica, educação ambiental.

### PLANTS USED AS MEDICAL COMMUNITY IN A SEMI-ARID BAIANO: TRADITIONAL KNOWLEDGE AND ENVIRONMENTAL CONSERVATION

#### ABSTRACT

The present study aimed to inventory the plants used in traditional medicine in an urban community in the semiarid region of Bahia, investigating their uses and applications. Seventy informants cited the species used as medicinal, the plant parts used, how to prepare and the diseases for which they are prescribed. Eighty five different species were cited, with 65.9% native and 34.1% exotic. The majority of plants cited belongs to the family Fabaceae. The leaves were the most used part of the plant and tea was the main form of use of species. Diseases of the respiratory system were the most treated with medicinal plants. Understanding the use of plants for medicinal purposes by communities can contribute to pharmacological studies as well as for the preservation of culture and environment through environmental education and appreciation of traditional knowledge.

**KEYWORDS:** Caatinga, popular knowledge, ethnobotany, ambiental education.

## INTRODUÇÃO

A medicina popular é uma prática milenar de manutenção do bem-estar, prevenção, diagnóstico, tratamento e cura de doenças utilizando minerais, rituais mágicos e religiosos, e empregando comumente os animais e as plantas (MARQUES et al., 2010). Entretanto, no Brasil, as práticas que colocam em risco a função ecológica da fauna e da flora ou que provoquem a extinção de espécies são proibidas por lei (BRASIL, 1988).

No entanto, o extrativismo e o comércio de espécies silvestres é um problema que não pode ser solucionado com a simples aplicação das penalidades impostas pela lei. Essas atividades estão inseridas num campo onde ambiente e sociedade vivem uma realidade conflitante, envolvendo cultura e tradição, ambientes vulneráveis, população com renda *per capita* muito baixa, espécies ameaçadas e o interesse coletivo de conservação da biodiversidade (MARQUES et al., 2010). De acordo com DIEGUES & ARRUDA (2001), a perda do conhecimento tradicional, associado à perda de diversidade biológica, influi negativamente na conservação dos recursos naturais.

Nessa perspectiva, os biomas brasileiros ricos em diversidade biológica, encontram-se ameaçados. A Caatinga é o tipo de vegetação mais característico do semiárido, apresentando aspectos especiais que podem ser entendidos como respostas dos organismos ao ambiente físico (COSTA et al., 2002), é um bioma exclusivamente brasileiro e o mais expressivo da região Nordeste, ocupando cerca de 850 mil km<sup>2</sup> ou 10% do território nacional (RODAL & SAMPAIO, 2002).

Na Caatinga predominam árvores e arbustos espinhentos com folhagem decídua, ou seja, que perdem as folhas na estação seca. Outra característica é o desaparecimento das plantas herbáceas na época seca reaparecendo na estação chuvosa. O nome caatinga vem dessa característica, pois a palavra deriva do tupi *caa-tinga*, que significa “mata clara”, em relação à claridade propiciada pela ausência da folhagem (COSTA et al., 2002).

O estudo e a conservação da diversidade biológica da Caatinga é um dos maiores desafios da ciência brasileira, uma vez que esse bioma representa a única grande região natural brasileira cujos limites estão inteiramente restritos ao território nacional. Proporcionalmente é a menos estudada entre as regiões naturais brasileiras, em que esforços científicos estão concentrados em alguns poucos pontos em torno das principais cidades da região (VELLOSO et al., 2002; LEAL et al., 2003).

Além disso, a Caatinga é a região natural brasileira menos protegida, pois as unidades de conservação cobrem menos de 2% do seu território e é um bioma que continua passando por um extenso processo de alteração e deterioração ambiental provocado pelo uso insustentável dos seus recursos naturais, o que está levando à rápida perda de espécies endêmicas à eliminação de processos ecológicos-chaves e à formação de extensos núcleos de desertificação em vários setores da região (LEAL et al., 2003).

Um dos fatores que tem garantido a sobrevivência do ser humano é o seu conhecimento e relativo domínio sobre os recursos naturais assegurando as necessidades básicas da espécie. Porém, as intervenções humanas predatórias sobre o meio ambiente têm sido fator de constante preocupação e os efeitos negativos dessas intervenções podem ser facilmente percebidos (SAMPAIO, 2002). Assim, a acelerada destruição da biodiversidade tem levado pesquisadores a centrarem seus estudos em populações que convivem em interação com o meio,

desenvolvendo técnicas conservacionistas de utilização dos recursos naturais que garantem a manutenção da biodiversidade para a utilização das gerações futuras (ALBUQUERQUE, 2002).

A utilização de plantas medicinais existe desde os tempos mais remotos da civilização, onde o homem aprendeu a conhecer as plantas e valer-se de suas propriedades para sanar suas enfermidades. O uso de plantas medicinais destaca-se pela sua comprovada eficácia e, principalmente, pelo seu baixo custo, tornando-se alvo de pesquisas constantes, pois sua importância tem se mostrado cada vez mais evidente (OLIVEIRA et al., 2010).

O reconhecimento da sabedoria popular voltada para as plantas medicinais é necessário, tendo em vista que elas servem de subsídio para o conhecimento do potencial da flora dos biomas brasileiros. O saber tradicional referente às plantas medicinais é importante para que estabeleçam, mecanismos que fomentem a prática da Educação Ambiental em uma região que gradativamente poderá perder sua identidade cultural, com a implementação de atividades outras que pouco a pouco fragmentam e mesmo escondem estes saberes tradicionais, importantes e repletos de simbologia numa realidade que foi construída com base nas manifestações populares, funcionando como uma ferramenta de valorização dos componentes bióticos, abióticos e socioculturais, tanto para as comunidades urbanas como para as rurais (GUARIN NETO, 2006).

Segundo SAMPAIO et al. (2006) são 341 espécies no nordeste utilizadas como medicinais, sendo 34 prioritárias para Caatinga que estão inseridas no Projeto Plantas para o futuro (PROBIO - Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira) de competência do Ministério do Meio Ambiente. Assim, o presente trabalho teve como objetivo conhecer as plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade urbana no município de Lapão, no semiárido do estado da Bahia, nordeste brasileiro, buscando o entendimento da relação tradicional do homem e flora, com perspectivas da valorização desses saberes e a dimensão no meio educacional.

## MATERIAL E METODOS

### - Área de estudo

O estudo foi realizado na zona urbana do município de Lapão (Latitude: 11° 23' 00" S Longitude: 41° 49' 55" W) Bahia, Nordeste brasileiro, apresentando altitude de 775m, área de 645 km<sup>2</sup> e população de 25.646 habitantes. Apresenta a distância de, aproximadamente, 402 km da cidade de Salvador, capital da Bahia e 9,65 km da cidade de Irecê, principal cidade do Território de Identidade. Os moradores são, em maioria, agricultores de subsistência, residindo há mais de duas gerações na comunidade.

O município de Lapão está inserido na Região de Irecê, no semiárido da Bahia e é formado por 20 municípios perfazendo uma área de 26.730 km<sup>2</sup>, correspondendo a 4,6% da superfície do estado da Bahia, ocupando a zona fisiográfica da Chapada Diamantina Setentrional. O Território de Identidade de Irecê pertence ao Bioma Caatinga e o município faz parte do *Platô* de Irecê, com alturas geográficas médias de 700m, ocupando cerca de 60% da região, com solos extremamente férteis, mas dependente da limitada oferta de água da chuva e da subterrânea (CDAR, 2004).

## **- Coleta e análise de dados**

A coleta de dados aconteceu através de pesquisas etnobotânicas realizadas no período de dezembro de 2012 a julho de 2013. Devido a complexidade desse tipo de pesquisa, foram atendidos grupos separadamente. Foram escolhidos aleatoriamente na comunidade os entrevistados, sendo 30 estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Justiniano de Castro Dourado, buscando averiguar as plantas já utilizadas pelos mesmos considerando plantas nativas e exóticas e seus usos terapêuticos. De forma similar foram entrevistados 30 moradores em domicílio e 10 vendedores de plantas medicinais considerados especialistas, no comércio de Lapão e em Irecê, uma vez que há acessibilidade dos habitantes da cidade de Lapão ao comércio de Irecê para a compra de plantas medicinais, visto a pequena distância entre os municípios.

As informações foram obtidas através da aplicação de questionários semi-estruturados, complementadas por entrevistas livres e conversas informais, de acordo com a metodologia proposta por ALBUQUERQUE & LUCENA, (2004). Antes de cada entrevista foi explicado: a natureza e os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão aos entrevistados para registrar os informes.

Com base nas citações e amostras, as espécies foram identificadas utilizando consultas às bibliografias especializadas e comparações com materiais previamente identificados por especialistas. As plantas foram apresentadas a partir dos seus nomes populares regionais, acompanhados com as identidades taxonômicas científicas seguindo a classificação filogenética APG – Angiosperm Phylogeny Group - II (2003). Nos nomes populares aparecem, em alguns casos, mais e um nome, representando a variação da denominação popular de uma mesma planta na região. De posse desses dados, foi analisada também a interação entre as plantas medicinais e a educação ambiental, no contexto do etnoconhecimento.

As listas das plantas citadas e suas indicações terapêuticas, bem como as formas de uso dos medicamentos foram organizadas em tabelas. Em seguida, elaborou-se uma listagem com todas as espécies identificadas e suas respectivas famílias e sua representação gráfica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram entrevistados 70 indivíduos acerca do uso de plantas medicinais, sendo 60 consumidores diretos sendo que 30 adultos foram entrevistados em domicílio, 30 adolescentes estudantes do Colégio Estadual Justiniano de Castro Dourado e os outros 10 indivíduos eram comerciantes de plantas medicinais que se dividiam entre as cidades de Lapão e Irecê. Os entrevistados nos domicílios e os comerciantes apresentavam faixa etária acima de 50 anos e tinham o ensino fundamental básico, enquanto os estudantes apresentaram faixa etária de 15 a 19 anos e cursavam o Ensino Médio. Todos os entrevistados apresentavam renda familiar entre dois e cinco salários mínimos.

Os relatos dos moradores obtidos através da aplicação dos questionários mostram a importância do uso de plantas medicinais pela sua eficácia e baixo custo, sendo utilizadas rotineiramente pelos mesmos. Foi informada a relevância da preservação das plantas nativas pela população entrevistada, confirmando algumas vezes a necessidade desse conhecimento ser transmitido aos descendentes, entretanto nenhuma medida é tomada por parte deles. Os estudantes relataram o pouco desenvolvimento de trabalhos em ambiente escolar que resgatam ou

reafirmem a importância das plantas com uso medicinal visando à preservação da cultura e do meio ambiente.

Ao todo foram identificadas 85 espécies diferentes, onde 75,3% eram nativas e 24,7% exóticas domesticadas ou adquiridas (quadro 1). A família de plantas com maior citação foi a Fabaceae, com 19 espécies perfazendo 22,35% do total. Boa parte das plantas utilizadas como medicinais encontram-se em residências, sendo estas, na sua maioria exótica domesticada, como exemplo, as espécies que são herbáceas aromáticas (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng – hortelã grossa; *Plectranthus barbatus* Andrews – boldos; *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. – erva-cidreira e *Cymbopogon citratus* Stapf – capim-santo) e as nativas citadas são muitas vezes compradas ou fornecidas por terceiros.

Em relação às plantas utilizadas como medicinais comercializadas, poucas são as espécies que não são nativas, como é o caso da *Myristica fragans* Gronov. (noz moscada) que apesar de ser exótica, tem seu uso bastante difundido. Os comerciantes relataram que a renda com as plantas medicinais não ultrapassam três salários mínimos, funcionando como uma renda auxiliar à aposentadoria. Nenhum dos comerciantes realiza coleta direta, e adquiriam as partes das plantas para venda através da compra em comércios maiores de outras localidades ou por intermédio de outros indivíduos da comunidade chamados de “mateiros”, que realizavam a coleta *in situ*. Foi referida pelos vendedores a importância de conservação e o cuidado com os métodos de coleta a fim de manter as espécies nativas preservadas para o uso futuro, bem como para a manutenção da Caatinga.

**QUADRO 1:** Plantas medicinais citadas pela comunidade no município de Lapão.

Família/ Nome Científico	Nome popular
Aloaceae	
<i>Aloe vera</i> L.	Babosa
Amaranthaceae	
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz
Anacardiaceae	
<i>Myracrodruon urundeuva</i> M.Allemao	Aroeira
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umbu
Annonaceae	
<i>Annona coriacea</i> Mart.	Araticum
<i>Xylopia aromatica</i> Baill.	Pimenta de macaco
<i>Duguetia lanceolata</i> A.St.-Hil.	Pindaíba
Apiaceae	
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce
Apocynaceae	
<i>Schubertia multiflora</i> Mart.	Flor de cera

<i>Tabernaemontana laeta</i> _Mart.	Pau de colher
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro
Asteraceae	
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Arnica
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Buva/voadeira
<i>Matricaria recutita</i> _L.	Camomila
<i>Bidens pilosa</i> _L.	Picão
Bignoniaceae	
<i>Anemopaegma mirandum</i> _(Cham.) DC.	Catuaba
<i>Tabebuia avellanedae</i> _Lorentz ex Griseb.	Ipê roxo
<i>Tabebuia aurea</i> Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Paratudo
<i>Handroanthus serratifolius</i> _(Vahl) S.O.Grose	Pau d'arco
Cactaceae	
<i>Melocactus zehntneri</i> _(Britton & Rose) Luetzelb.	Coroa de frade
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru
<i>Tacinga inamoena</i> _(K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy	Quipá
Celastraceae	
<i>Maytenus ilicifolia</i> _(Schrad.) Planch.	Espinheira santa
Commelinaceae	
<i>Commelina erecta</i> L.	Mariana
Convolvulaceae	
<i>Operculina alata</i> _Urb.	Batata de purga
<i>Ipomoea sericophylla</i> Meisn.	Jitirana
Crassulaceae	
<i>Bryophyllum pinnatum</i> Kurz	Folha santa
Euphorbiaceae	
<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> _(Mart. ex Müll.Arg.) Pax & K.Hoffm.	Favela
<i>Jatropha molíssima</i> Baill.	Pinhão
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra
<i>Dalechampia pernambucensis</i> Baill.	Urtiga
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	Velame
Fabaceae	
<i>Anadenanthera colubrina</i> _(Vell.) Brenan	Angico

<i>Stryphnodendron adstringens</i> _(Mart.) Coville	Barbatimão
<i>Poincianella bracteosa</i> (Tul.) L.P. Queiroz	Catingueira
<i>Dioclea violacea</i> _Mart. ex Benth.	Coronha
<i>Bauhinia splendens</i> _Kunth	Escada de macaco
<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L.P. Queiroz	Farinha seca
<i>Dioclea virgata</i> (Rich.) Amshoff	Feijão de boi
<i>Cassia occidentalis</i> _L.	Fedegoso
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá
<i>Mimosa hostilis</i> _Benth.	Jurema preta
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> _(L.) Sw.	Maravilha
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth	Mucunã
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Pau de rato/caatinga de porco
<i>Caesalpinia ferrea</i> _Mart. ex Tul.	Pau Ferro
<i>Cassia angustifolia</i> <u>Vahl</u>	Sena
<i>Pterodon emarginatus</i> _Vogel	Sucupira
<i>Amburana cearensis</i> _(Allemão) A.C.Sm.	Umburana
<i>Mimosa arenosa</i> _Poir.	Unha de gato
Hypericaceae	
<i>Hypericum perforatum</i> L.	Erva de São João
Illiciaceae	
<i>Illicium verum</i> _Hook.f.	Anis estrelado
Lamiaceae	
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim
<i>Mentha viridis</i> L.	Alevante
<i>Ocimum basilicum</i> _L.	Alfavaca/manjeriçao
<i>Plectranthus barbatus</i> _Andrews	Boldo
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã grossa
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã miúda
Lauraceae	
<i>Nectandra pichury-major</i> Nees	Pichuri
Loranthaceae	
<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Erva de passarinho
Lythraceae _	

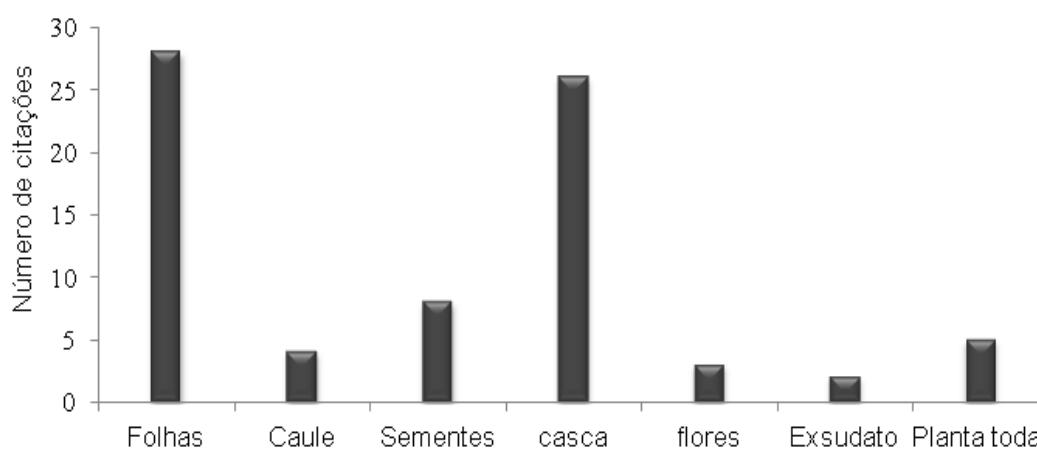
<i>Punica granatum</i> L.	Romã
Malvaceae	
<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Barriguda
<i>Sida galheirensis</i> Ulbr.	Malva
Moraceae	
<i>Dorstenia cayapia</i> Vellozo	Carapiá
<i>Morus nigra</i> L.	Miura
<u>Myristicaceae</u>	
<i>Myristica fragans</i> Gronov.	Nós moscada
Olacaceae	
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa
Passifloraceae	
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá
Phytolaccaceae	
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipi
Picramniaceae	
<i>Picramnia parvifolia</i> Engl. ex Chart.	Pau amargo
Poaceae	
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	Capim santo
Polygonaceae	
<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	Pajeú
Rhamnaceae	
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá
Rubiaceae	
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Quina
Rutaceae	
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda
Sapotaceae	
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roemer & Schultes) T.D.Penn.	Quixabeira
Simaroubaceae	
<i>Simaba ferruginea</i> A.St.Hil.	Calunga
Solanaceae	



<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba
<i>Solanum capsicoides</i> Mart.	Melancia da praia
Urticaceae	
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina
Verbenaceae <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva cidreira

A maioria das espécies citadas é genuinamente brasileira ou nativa da região Nordeste, como *Spondias tuberosa* Arruda – umbu, *Caesalpinia pyramidalis* – catinga de porco, *Myracrodruon urundeuva* (Engl.) Fr. All – aroeira, *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan – angico, *Ziziphus joazeiro* (Mart.) – juazeiro, *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schut.) – quixaba, como foi observado por SANTOS et al. (2012) que foi realizada no semiárido paraibano.

Em relação à parte da planta mais utilizada, a folha foi a mais citada, totalizando 28 espécies em que apenas as folhas são utilizadas nos preparos (Figura 1). LUCENA et al., (2013) no sertão paraibano e CUNHA & BORTOLOTTI (2011) no bioma Cerrado também obtiveram resultados semelhantes, em que a folha foi a parte mais utilizada no preparo de remédios caseiros a base de plantas medicinais. Segundo GONÇALVES & MARTINS (1998) as folhas, na maioria das espécies vegetais, concentram grande parte dos princípios ativos.



**FIGURA 1:** Partes das plantas utilizadas no preparo terapêutico, em número de citações.

Considerando a perspectiva conservacionista, a predominância do uso de folhas é positiva, já que a obtenção desse produto medicinal não implicaria, necessariamente, na morte da planta. Entretanto, o uso da casca foi também considerável, e a técnica de coleta da casca do caule é na maioria das vezes realizada de forma errônea, sendo destrutiva, que compromete os sistemas condutores da seiva, afetando no desenvolvimento e longevidade da planta (RODRIGUES & CARVALHO, 2001). Estudos como o de SANTOS et al., (2012), ALVES et al., (2007) e AGRA et al., (2007) demonstram que espécies como a aroeira, o angico, o juazeiro, a quixaba, entre outras, que são típicas da Caatinga, estão ameaçadas devido às técnicas destrutivas para obtenção do produto (cascas

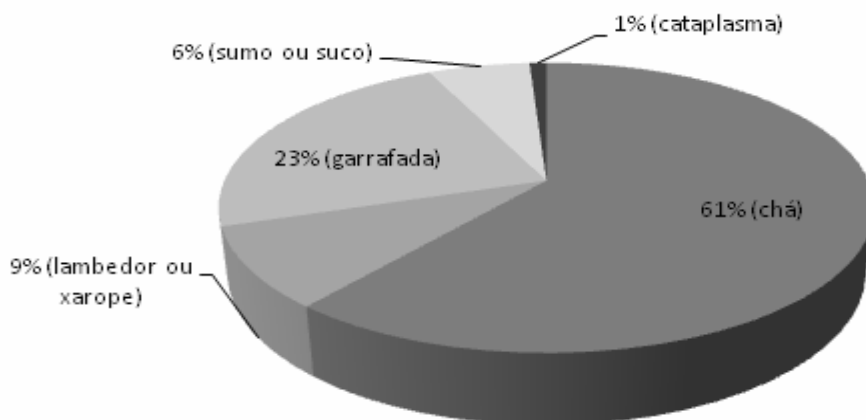
do caule).

Em relação a conservação e sustentabilidade do extrativismo de plantas medicinais, OLIVEIRA et al., (2007) estabeleceram prioridades locais para as plantas medicinais numa área de caatinga no agreste do estado de Pernambuco, por meio da união de competências biológicas e culturais. Além de registrar os conhecimentos da população local, a pesquisa ainda contou com um estudo da disponibilidade destas espécies em um fragmento de caatinga próximo a comunidade. Ao todo foram identificadas 21 espécies medicinais, das quais por meio de um sistema de classificação, que uniu competências ecológicas e usos locais, as espécies *Ziziphus joazeiro* Mart. *Myracrodruon urundeuva* (Engl.) Fr. All. apresentaram-se merecedoras de uma alta prioridade de conservação.

Por outro lado, RODAL & SAMPAIO (2002) relatam que o uso tradicional, apesar de amplamente difundido, tem pouco impacto negativo na vegetação nativa por uma combinação de fatores: 1) as quantidades usadas são pequenas; 2) grande parte vem de cultivo doméstico; 3) na extração da vegetação nativa apenas parte da planta é colhida e; 4) quando a colheita envolve eliminação das plantas, muitos coletores tradicionais têm o cuidado de não esgotar a população.

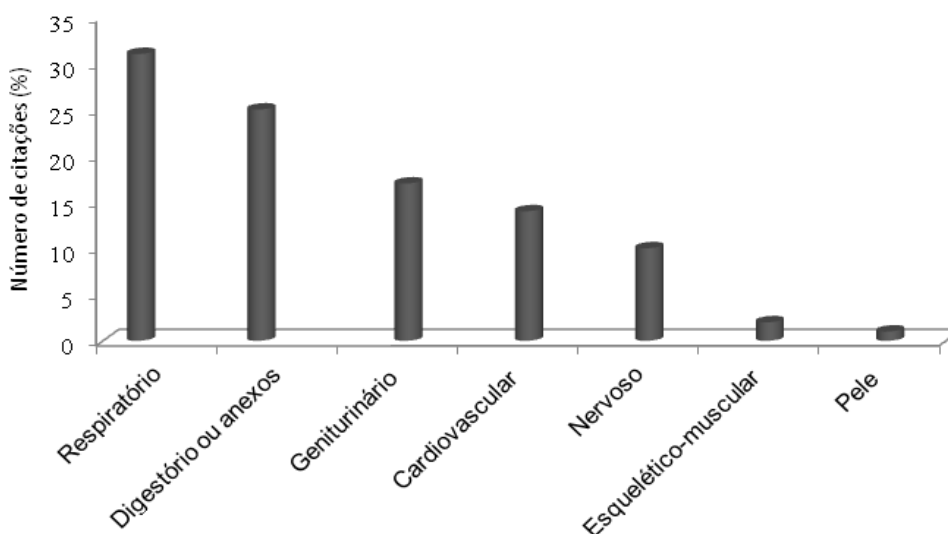
Assim, uma das principais propostas para a eficiência da conservação é o envolvimento direto da comunidade, não unicamente pelo seu conhecimento local que representa um forte elo nos debates a respeito da utilização dos recursos naturais, mas pelas técnicas de plantio, manejo e proteção das espécies de seu meio, e também pela herança cultural de cada comunidade construída ao longo de muitos anos (DIEGUES, 2000; RAI et al., 2000; HAMILTON, 2004). Em casos de obtenção de cascas, por exemplo, estas devem ser retiradas das árvores em pequenos pedaços e apenas de um lado do tronco para preservar a espécie e nunca retirar a casca circundando toda a volta do tronco, pois resultará na morte da árvore (BEVILACQUA, 2010).

Em relação à forma de preparo, o chá foi citado pela maioria dos entrevistados (61%) sendo preparado por infusão ou decocção, como forma de utilização das plantas medicinais, em seguida a garrafada (23%), lambedor ou xarope (9%), sumo ou suco (6%). Outra técnica para preparar os remédios à base de plantas que também foi citada, é a cataplasma, ou seja, a aplicação sobre a pele, com apenas 1%, conforme Figura 2.



**FIGURA 2:** Formas de utilização das plantas medicinais na comunidade estudada.

Já em relação aos usos terapêuticos, as doenças do sistema respiratório foram as mais citadas, como exemplo de citações tem-se as gripes, os resfriados, as inflamações de garganta, e a sinusite, perfazendo um total de 31% das citações. Estudos realizados no sertão nordestino também apresentaram afecções do sistema respiratório como as mais comuns em relação às doenças tratadas com plantas medicinais (LUCENA et al. 2013; SANTOS et al. 2012). As enfermidades do sistema digestório ou anexos (nutricional, verminoses, metabólica ou endócrina) agruparam-se em 25%. O sistema geniturinário reuniu 17% das citações, enquanto o cardiovascular (14%), nervoso (10%), esquelético-muscular (2%). As doenças de pele incluindo as de causa externa como inflamações e machucados também foram mencionados (1%), conforme pode ser observado na Figura 3.



**FIGURA 3:** Sistemas do corpo humano acometidos por enfermidades tratadas com plantas medicinais.

Verifica-se que, quando a acessibilidade garantida por este tipo de tratamento e associada ao baixo custo, é possível difundir o uso das plantas medicinais para diversas enfermidades. Percebe-se ainda que, o grau de escolaridade dos moradores ou a idade não influenciou no uso das plantas medicinais, pois o seu uso faz parte do cotidiano das famílias e são alternativas viáveis para tratamento de muitas doenças, pois segundo alguns entrevistados, o uso contínuo, muitas vezes, trás o alívio ou a prevenção.

O saber popular continua presente na comunidade e o tratamento de enfermidades a base das plantas é uma opção bastante considerável e acessível. Portanto, este conhecimento ainda é encontrado na comunidade por meio das chamadas “receitas caseiras”, ensinadas por pais e avós, ou por representantes da comunidade mais idosos, porém dotados desse saber tradicional.

Por meio do Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006, foi aprovada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, tendo como objetivo geral garantir a população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, além de promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros (BRASIL, 2006).

A utilização das plantas medicinais tem forte componente cultural e a forma

mais efetiva de conservar essas plantas e os conhecimentos ligados a elas é pelo uso. Ao resgatar, valorizar e preservar o conhecimento sobre plantas medicinais está se preservando um patrimônio cultural das populações utilizado durante séculos. A preservação deve partir do resgate e da valorização do conhecimento local. Nas escolas as plantas medicinais oferecem grande oportunidade para interligar conhecimentos de várias disciplinas. As plantas podem ser utilizadas para introduzir a discussão sobre as consequências da redução da diversidade biológica em sala de aula, assim como para compreender a importância da preservação das espécies (MELO, 2007).

Referente à proteção de plantas medicinais, o básico é estudar sua identificação, distribuição, abundância e o conhecimento tradicional sobre o uso dos recursos no cuidado da saúde, aliado a esses critérios a prioridade de conservar espécies com maior quantidade de usos e frequência, as nativas provenientes de populações silvestres, as coletadas de forma destrutiva e as que sofrem maior pressão antrópica (WHO, 1993).

Nesse sentido, é preciso trabalhos de preservação dessas espécies e também de conservação dos conhecimentos relativos às suas propriedades e diferentes possibilidades de uso. Para tal, é indispensável elementos o conhecimento das plantas, a utilização racional das mesmas e o compartilhamento desse saber tradicional dentro das comunidades, inclusive no ambiente escolar.

## CONCLUSÃO

A quantidade de espécies de plantas medicinais citadas demonstra o amplo conhecimento etnobotânico da população local, utilizando no cotidiano as plantas de espécies nativas e exóticas. O uso terapêutico de plantas consideradas medicinais foi diverso na comunidade, sendo as doenças do sistema respiratório e digestório as mais citadas para este tipo de tratamento. As folhas e a casca das plantas foram as partes mais utilizadas para os preparos.

Ainda é comum o emprego das plantas com fins medicinais na comunidade do município de Lapão e resgatar ou preservar os conhecimentos culturais no cultivo das plantas medicinais é uma alternativa viável e sustentável para a saúde, e útil para a conscientização da comunidade na preservação das espécies vegetais. A valorização das plantas é um grande passo para poder conservá-las. Passar o conhecimento etnobotânico aos descendentes ou estudá-las no ambiente escolar é exercer a Educação Ambiental por estar associada à manutenção das mesmas.

## REFERÊNCIAS

AGRA, M. F., BARACHO, G. S., NURIT, K., BASÍLIO, I. J. L. D., COELHO, V. P. M., BARBOSA, D. A. Sinopse da flora medicinal do Cariri Paraibano. **O ecologia Brasiliensis**, 11: 323-330, 2007.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas para coleta de dados**. In: ALBUQUERQUE, U.P; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. NUPEEA/Livro Rápido: Recife, p.37-62, 2004.

ALVES, R. R. N.; SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, 4: 175-198, 2007.

APG II. **An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants**: APG II. The Linnean Society of London, Botanical Journal of the Linnean Society, 141: 399-436, 2003.

BEVILACQUA, H. E. C. R. **Plantas medicinais**: partes utilizadas, colheita, secagem e armazenamento. *In*: HARAGUCHI, L. M. M.; CARVALHO, O. B. Plantas Medicinais. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 13 ed. São Paulo: Rideel, 2007.

BRASIL. **Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006**. Diário Oficial da União – Seção I nº119. Poder Executivo. DF. Sexta-feira, 23 de junho de 2006. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/decretofitoterapicos.pdf>, acesso em: 15/05/2012.

COSTA, J. A. S.; NUNES, T. S.; FERREIRA, A. P. L.; STRADMAN, M. T. S.; QUEIROZ, L. P. **Leguminosas forrageiras da Caatinga: espécies importantes para comunidades rurais do sertão da Bahia**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, SASOP, 2002.

CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional BA.). **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável da Região Irecê – PSDR IRECÊ**. Salvador, 2004.

CUNHA, S. A.; BORTOLOTO, I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, 25: 685-698. 2011.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos**. *In*: Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Editora Hucitec /NUPAUB, p. 1-46. 2000.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

GUARIN NETO G. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **Revista Eletrônica Mestr. Educação Ambiental**, 17: 71-89. 2006.

GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 79: 56-61, 1998.

HAMILTON, A. C. Medicinal plants, conservation and livelihoods. **Biodiversity and**

**Conservation**, 13: 1477-1517, 2004.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.

LUCENA, D. S.; SOUZA, P. F.; MARINHO, M. G. V.; FERREIRA, C.D.; LOPES, I. S.; MEDEIROS, J. X. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Lagoa, sertão paraibano. **Biofar, Revista de Biologia e Farmácia**, 9: 105-115, 2013.

MARQUES, J. B.; BARBOSA, M. R. V.; AGRA, M. F. Efeitos do comércio para fins medicinais sobre o manejo e a conservação de três espécies ameaçadas de extinção, em duas áreas do cariri oriental paraibano. *In*: GARIGLIO, M. A.; SAMPAIO, E. V. S. B.; CESTARO, L. A.; KAGEYAMA, P.Y. Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010.

MELO, G. P. **Noções práticas de Educação Ambiental para professores e outros agentes multiplicadores**. Superintendência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. João Pessoa: 2007.

OLIVEIRA, H. B.; KFFURI, C. W.; CASALI, V. W. D. Ethnopharmacological study of medicinal plants used in Rosário da Limeira, Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 20: 256-260. 2010.

OLIVEIRA, R. L. C.; LINS NETO, E. M. F.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Conservation priorities and population structure of woody medicinal plants in an area of Caatinga vegetation (Pernambuco state, NE Brazil). **Environmental Monitoring and Assessment**, 132: 189-206. 2007.

RAI, L. K.; PRASAD, P.; SHARMA, E. Conservation threats to some important medicinal plants of the Sikkim Himalaya. **Biological Conservation**, 93: 27-33. 2000.

RODAL, M. J. N.; SAMPAIO, E. V. S. B. **A vegetação do bioma Caatinga**. *In*: SAMPAIO, E. V. S. B.; GIULIETTI, A. M.; VIRGÍNIO, J.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L. (Org.). Vegetação e Flora da Caatinga. Recife: Associação Plantas do Nordeste – APNE; Centro Nordestino de Informações sobre Plantas – CNIP, p. 11-90. 2002.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência e Agrotecnologia**, 25: 102-123, 2001.

SAMPAIO, E. V. S. B. Uso das plantas da Caatinga. *In*: Sampaio E. V. S. B.; GIULIETTI, A. M.; VIRGÍNIO, J.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L. (Org.). Vegetação e Flora da Caatinga. Recife: Associação Plantas do Nordeste – APNE; Centro Nordestino de Informações sobre Plantas – CNIP, 2002 p. 49-90.

SAMPAIO, E. V. S. B.; PAREYN, F. G. C.; FIGUEIROA, J. M.; SANTOS JR., A. G. Espécies do semiárido baiano com potencial econômico. Cruz das Almas, **Magistra**, 18: 6-8. 2006.

SANTOS, S. L. D. X; ALVES, R. R. N.; SANTOS, S. L. D. X; BARBOSA, J. A. A.; BRASILEIRO, T. F. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**,93: 68-79, 2012.

VELLOSO, A. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; PAREYN, F. G. C. **Ecorregiões propostas para o bioma Caatinga**. Recife: Associação Plantas do Nordeste, Instituto de Conservação Ambiental. The Nature Conservancy Brasil, 2002.

WHO-World Health Organization; IUCN- International Union for Conservation of Nature and Natural Resources; WWF- World Wide Fund for Nature. **Guidelines on the conservation of medicinal plants**. Geneva: WHO, 50p.1993.